

A PROPÓSITO DE “MACHADO”, DE SILVIANO SANTIAGO

Lucia Maria Moutinho Ribeiro (UNIRIO)

lucia.ribeiro@unirio.br

RESUMO

O artigo relata a experiência didática com a leitura do texto literário. Com base na obra *Machado* de Silviano Santiago, *Prêmio Jabuti* de 2017, em relação aos romances machadianos nesta abordados, quais sejam: “Ressurreição” (R), “Esaú e Jacó” (EJ) e “Memorial de Aires” (MA), desenvolveram-se práticas de escrita e reescrita, à medida que as sugestões a respeito do *corpus* vinham à baila, com o fito de despertar a epifania que é reler Machado de Assis. Concorreram para a reflexão as Dissertações de Mestrado sobre as narrativas em tela de Félix (2008), Herane (2011) e Trindade (2013), que vivificam a crítica machadiana consagrada. A atividade demonstrou como ler os clássicos promove o contato com o texto redigido em norma culta, sem descurar da importância do conceito de diversidade linguística. A atividade se inspirou na mesma estratégia de Santiago. Este, ao idear a leitura da correspondência entre Machado de Assis e Mário de Alencar e as impressões que lhe causou, presta tributo à vida cultural carioca de fins do século XIX ao início do XX.

Palavras-chave:

Escrita. Leitura. Machado de Assis.

ABSTRACT

This paper reports the reading of Machado de Assis’ romances “Ressurreição”, “Esaú e Jacó” and “Memorial de Aires”, under the perspective of the work *Machado*, by Silviano Santiago, *Prêmio Jabuti* in 2017, and master’s degrees works like Félix (2008), Herane (2011) and Trindade (2013), which revives Machado’s critic. This didactic experience revealed the excellence of vernacle text in Portuguese Language (having informal language in mind), how the end of 19th century and the beginning of 20th in Carioca culture life were effervescent and the epiphany of reading Machado, that resulted in creative rewriting of his plots.

Keywords:

Reading. Rewriting. Machado de Assis.

1. Introdução

Com o objetivo de renovar a leitura de Machado de Assis, inspirada pela obra *Machado*, de Silviano Santiago, *Prêmio Jabuti* de 2017, aplicamos a um curso de produção textual os romances machadianos, naquela abordados, “Ressurreição” (R), “Esaú e Jacó” (EJ) e “Memorial de Aires” (MA), cujas práticas de escrita e reescrita (igualmente desenvolvidas pelo professor de Literatura Brasileira no livro premiado) se

deram, à medida que as sugestões a respeito do *corpus* vinham à baila, com o fito de despertar a epifania que é reler Machado de Assis e de demonstrar como os clássicos promovem o contato com o texto em norma culta, esclarecendo que esta reflete a variedade padrão da expressão linguística e não deixa de conviver com as demais variedades. Não deixaram de figurar na atividade as reflexões providas de dissertações de Mestrado, que vivificam a crítica machadiana consagrada.

Quem fala em leitura, pensa em escrita. Tenhamos, pois, que um dos princípios do bem escrever supõe a abordagem da literatura canônica, porque, esta, além de empregar os preceitos da norma culta, nos conduz “a um conhecimento do humano, o qual importa a todos” (TODO-ROV, 2009. p. 89). As manifestações ficcionais, não apenas escritas, mas também as pictóricas e musicais, trazem ao leitor prazer e catarse. Como os sonhos, liberam o inconsciente, desinibem o íntimo, suspendem a autocensura e ativam a imaginação. Por mais lúdicas que sejam nos fazem pensar, conhecer, ampliar os horizontes.

A leitura de um texto é forçosamente posterior à sua escritura, por isso, sujeita ao contexto do leitor, cuja interpretação poderá reinventá-lo, desde que se conceba que a linguagem não é unívoca, muito menos a memória do leitor e o decorrer do tempo.

Inspirou-nos a estratégia de Santiago, ao idear os últimos anos de Machado de Assis, no seu chamado romance-ensaio (e pesquisa), a partir da leitura da correspondência entre Mário de Alencar e Machado e da viva impressão que lhe causaram, em meio ao retrato cultural do Rio de Janeiro, então Capital Federal, da transição do século XIX para o XX.

2. *Ressurreição: uma contradança de salão*

A provocação para a reescrita da abertura de *R* ensejou a atividade. No primeiro período do trecho, revela o narrador, entre travessões, que a narração se dá em retrospecto, “– já lá vão dez anos –”, e vai surpreender, no último capítulo, intitulado “Hoje” (ASSIS, 2013b, p. 126), e presente da narração, os protagonistas, Félix e Lívia, outrora amantes, agora separados.

A duplicidade do deus Jano, que dá nome ao mês de janeiro, representado com cabeça bifronte, voltada para o presente e o passado, e, por isso, guardião da passagem do tempo (SENNA, 2012), pode ser associada a Félix, porque “[d]uas faces tinha o seu espírito... uma natural e

outra calculada e sistemática” (ASSIS, 2013b, p. 10). Assim também se estrutura a narrativa, calcada no “contraste de dois caracteres”, os caracteres dos namorados Félix e Livia, afirma o autor na “Advertência” da primeira edição, em 1872 (*Idem*, p. 8).

A epígrafe a *R*, de Shakespeare, “Nossas dúvidas são traidoras, perdem o bem pelo receio de o buscar”, conclui a história e ilustra como Félix prefere a misoginia, o desamor, devido à desconfiança e ao ciúme (SANTIAGO, 2016), ao rejeitar a devotada Livia.

O temperamento de Félix leva à interpretação do título. Ao desmanchar o casamento, devido à calúnia contra a noiva, em uma carta anônima, e à insegurança dele, recusou a ressurreição, quer dizer, o revigoramento que o casamento lhe traria – o bem que conquistaria –, segundo a frase shakespeariana, tirando-o da sua rotina de homem rico e ocioso. Santiago (2016, p. 254), para explicá-lo, evoca a parábola do *Evangelho de São Mateus*, “A ressurreição dos mortos”, que relata os sucessivos casamentos de uma viúva com seus cunhados, como ditavam os costumes da época. A palavra “ressurreição” nos dois títulos justifica, por associação com o relato bíblico, o ciúme retroativo de Félix em relação ao marido falecido de Livia, que Félix nunca foi. Haja machismo!

Como o romance conta vários casos de pares amorosos, o namoro, os arrufos, Félix e Cecília, Cecília e Moreirinha, Félix e Livia, o final feliz de Raquel e Meneses, a separação dos protagonistas, o casal maduro, Dona Matilde e o Coronel Moraes, esses, sim, felizes para sempre, lembra-nos o poema “*Quadrilha*” de Carlos Drummond de Andrade. Composto de uma só estrofe de 7 versos, *Quadrilha* relata o quanto as 5 primeiras personagens apresentadas de início são tão passionais que optaram pela fuga ou pela solidão ou pela morte. E Lili, “que não amava ninguém”, pragmática, a amar preferiu casar-se – com uma empresa – sugerida pelo nome do marido, J. Pinto Fernandes, enquanto Livia e Félix vão cada qual para o seu lado. O título do poema remete à “contradança de salão, de origem francesa, muito em voga no século XIX, e de caráter alegre e movimentado, na qual tomam parte diversos pares” (de acordo com o dicionário *Aurélio*), que tem tudo a ver com a contradança de casais que o romance e o poema retratam.

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
Que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
Que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos. Teresa para o convento

Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia
João suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
Que não tinha entrado na história.

Romance de estreia, publicado em 1872, *R* causa certo estranhamento na crítica da época, porque se distancia do cenário tropical e brasileiro, para focalizar o meio urbano e seus caracteres, conforme reporta Herane (2011). A autora aponta ainda uma contradição no narrador de *R*, porque, este, ao advogar os benefícios que o casamento traz, exemplificados na prolapada frase do dramaturgo inglês, denota que a felicidade dos casais formados no romance é aparente: o narrador parece ter pena de Clara, casada com o ignóbil Luís Baptista, remetente anônimo das cartas difamantes; ironiza Moreirinha, completamente dominado por Cecília; sugere que Dona Matilde, para manter a paz conjugal, dissimula a traição do marido e que Lívia não terá sido muito feliz quando casada. É que a prosa machadiana apresenta mais de uma visão para o fato retratado.

Ficcionista que cultiva a contradição e o conflito, Machado de Assis, já em seu primeiro romance, **Ressurreição** (1872), capítulo V, apresenta, pela boca de Félix, uma definição de vida que confirma o seu gosto pela expressão dialética: “**mas que é a vida senão uma combinação de astros e poços, enlevos e precipícios**” (CARVALHO, 2010, p. 133)

3. “*Esau e Jacó*”: *Pedro, Paulo e Flora em contradaça*

A narrativa de *EJ* (1904) representa um documento relevante para conhecer a História do Brasil dos dias imediatos à transição entre o Segundo Reinado e a República e a paisagem do Rio de Janeiro de então, por meio das descrições precisas sob a pena machadiana.

Trindade (2013) defende que as formas simples, como adágios, ditos, provérbios, adaptados pelo romancista, ilustram os fatos narrados de *EJ*, tal que o título da sua dissertação *Bem-aventurados os que leem...* parafraseia uma frase do capítulo LI de *EJ* (“Bem-aventurados os que ficam, porque serão compensados”), que por sua vez parodia um provérbio bíblico, assim como “*Esau e Jacó*” remete ao *Velho Testamento*. Estes, filhos gêmeos de Rebeca, disputam a primazia do amor da mãe e da primogenitura, assim como os irmãos Pedro e Paulo do romance, entre outras inúmeras referências à tradição ocidental. A tradição judaica confere poder ao filho mais velho. Mas quem poderia afirmar qual é o mais velho entre gêmeos no momento do parto? Assim também os nomes dos protagonistas Pedro e Paulo provêm do *Novo Testamento*, o que remete à impregnação da religiosidade católica, com um certo fio de

ironia que percorre o tecido narrativo. O antagonismo destes representa ainda as posições políticas dominantes no tempo do romance: Pedro é conservador e monarquista, e Paulo, liberal, defende veementemente o novo regime.

No tocante à impregnação da temática bíblica no romance (com certo cunho irônico, embora, como a consulta à vidente, que revela os gêmeos digladiando-se desde a gestação no ventre da mãe, desde aquele tempo de Esaú e Jacó...), um integrante do projeto sugeriu que, em vez das citações da tradição ocidental, mitológicas, religiosas, históricas e políticas, a narrativa poderia ter recorrido às mitologias indígenas brasileiras e de matriz africana, como Candomblé e Umbanda. Este, porém, não seria o texto de Machado de Assis. Instiguei-o, então, recomendando-lhe que caberia às novas gerações reescrever a história do Pedro e Paulo machadianos e sua amada Flora, sob tal perspectiva, o que demandaria ampla investigação antropológica e, de fato, enriqueceria a cultura literária brasileira. Tratar-se-ia, pois, de um projeto vindouro, levantado pela hipótese do estudante.

Santiago (p. 286-7) privilegia a análise de uma personagem de EJ, aparentemente obscura, mas que adiante desponta como peça importante da narrativa. Graças a uma esmola vultosa da rica Natividade, no início da trama, e, nos capítulos mais avançados, enriquecido pelo encilhamento, Nóbrega traduz uma fase econômica da República recém-instaurada e, mesmo rico, não desperta a atenção da evasiva Flora, que figura como perfil feminino importante na prosa machadiana. O reaparecimento de Nóbrega, um coletor de esmolos para a Igreja de São José, que ficava no sopé do Morro do Castelo, hoje extinto, (mas a igreja permanece no mesmo local), lembra mesmo um lance de filme, com suas peripécias e reviravoltas. Poder-se-ia puxar daí também um fio narrativo para recontar o romance de Flora.

Carvalho consigna termos expressivos (até mesmo frases da linguagem coloquial), rasgos de estilo e temas machadianos, extraídos de todos os romances. Entre eles registra a reação da personagem Sr. Batista de EJ, que, desolado com a queda da monarquia brasileira em 1889, “mordia os beiços, (...) tornava a narrar os acontecimentos, prisão de ministros, tudo extinto, extinto, extinto” (EJ, capítulo LXIX), vazada em recurso sintático denominado epizeuxe ou reduplicação e em discurso indireto livre (2010, p. 154).

Em alusão à proposta daquele participante, lembremos que o texto machadiano, a par do estilo culto, não deixa de registrar que o pai da vidente Bárbara, consultada por Natividade a respeito do nascimento dos filhos, “roçava os dedos na viola, murmurando uma canção do Norte”: “Menina da saia branca, /Saltadeira do riacho, /Trepame neste coqueiro, /Bota-me os cocos abaixo /Quebra coco, sinhá, /Lá no cocá, /Há de rachá; /Muito hei de me ri, /Muito hei de gostá, /Lelê, coco, naiá” (ASSIS, 2016, p. 18-20).

4. Memorial de Aires: os casais, os leitores e os usos linguísticos

Uma carta ao amigo Mário de Alencar, na ocasião, recém-empossado na ABL, revela que Dona Carolina Xavier de Novais, mulher do romancista, inspira a criação de Dona Carmo, figura feminina de MA (1908). Com base nessa evidência, comprova-se, como afirmam os críticos, que se trata de um romance misto de ficção e autobiografia (SANTIAGO, 2016).

A frase shakespeariana mencionada acima a propósito de *R* ecoa na do poeta Shelley, citada pelo Conselheiro Aires, em MA, “Não posso dar o que chamam de amor” (SANTIAGO, 2016, p. 246), ao conter a atração pela heroína Fidélia, pelos mesmos motivos por que Félix de *R* rejeitou Lívia, dado o caráter masculino amorosamente reprimido, desconfiado e ciumento. No final da narrativa, exclama o Conselheiro amargamente que “se os mortos vão depressa, os velhos vão mais depressa que os mortos... Viva a mocidade!” (ASSIS, 2013a, p. 172), porque os jovens Fidélia e Tristão, ao contrário, entregam-se ao amor, deixando o passado e os velhos para trás.

Para escapar do viés autobiográfico que a maioria dos críticos imprime a MA, Félix (2008) observa, com propriedade, que, mesmo que o romance registre um diário, como relato íntimo que é, prescindiria da figura do leitor, não fosse este texto da autoria de Machado de Assis: no discurso de MA, porém, o leitor se faz presente, assim como nas demais ficções machadianas. A autora distingue três categorias de leitor, porque Aires se relê, à medida que escreve:

- a) leitor-papel – não só como o suporte sobre o qual se assenta a escrita, como também, porque o papel é o amigo do autor, que lhe dá conforto ao ouvir-lhe as confidências e o lê:

Como esses referiu Aguiar outros hábitos caseiros da consorte, que ouvi com agrado. Não seriam grandemente interessantes, mas eu tenho a alma feita em maneira que dou apreço ao mínimo, uma vez que seja sincero. Não diria isto a ninguém cara a cara, mas a ti, papel, a ti que me recebe com paciência, e alguma vez com satisfação, a ti amigo velho, a ti digo e direi, ainda que me custe, e não me custa nada. (Op.cit., p. 125)

- b) leitor-testemunha – porque relata, como um cronista, o cotidiano, os costumes e figuras do tempo, aí incluída a abolição da escravatura, quanto à personagem Fidélia e seu pai, ex-proprietários de escravos, a partir de então;
- c) leitor-autor e editor do diário – ao reler e selecionar os cadernos de notas, que se tornarão o livro, como esclarece, na “Advertência”.

Tal estratégia se ancora no pacto de verossimilhança, que pretendem estabelecer os contadores de história com o leitor, para ganhar deste confiança e fazer-lhe acreditar que o relato é verídico.

No sentido de cumprir um dos objetivos do curso, que é aprimorar a leitura e a escrita formal, selecionamos exemplos, extraídos do Memorial de Aires, esclarecendo que o romance relata as observações e reflexões do Conselheiro Aires, um diplomata carioca aposentado, decorridas entre 1888 e 1889, a partir do seu convívio social e com a irmã, para fundamentar e contextualizar o emprego da norma culta de Língua Portuguesa, de acordo com as seguintes recomendações:

- a) não se inicia frase com pronome oblíquo: “Tristão não se deixou rogar (...). Custou-lhe a princípio, mas, dito um caso, vieram outros” (Op. cit., p. 129. Os demais exemplos são destacados desta edição);
- b) a regra geral de concordância verbal determina que verbo concorda com o sujeito: “Foi ontem que falamos disso os três; Aguiar estava presente e não opinou. Pouco depois chegou o desembargador com a sobrinha; tinham saído em visita ao presidente do tribunal, mas apenas na rua Fidélia propôs ao tio vi-rem passar a noite no Flamengo; eram nove horas” (p. 133).

Cumpre observar como Machado não deixa de registrar a variante da linguagem popular e oral:

Na rua apregoava a voz de quase todas as manhãs: “Vai vassouras! Vai espanadores!”

Compreendi que era sonho e achei-lhe graça. Os pregões foram andando, enquanto o meu José pedia desculpa de haver entrado, mas eram nove horas passadas, perto de dez. (p. 53)

- c) o verbo *haver* como *existir* é invariável: “Já lá vão muitas páginas falei das simetrias que há na vida” (p. 103);
- d) não se separa sujeito de verbo por vírgula, nem verbo de complementos de objeto, a não ser que haja termo intercalado, que deve figurar entre vírgulas: “A mana confessou a contradição e explicou-a” (p. 132 – sem vírgulas); “Tristão, a quem falei da doação de Santa Pia, não me confiou os motivos disso” (p. 160); “Dona Carmo, austeramente vestida, ia cheia de riso.” (p. 162);
- e) ocorrências em que não se deve empregar o acento indicativo de crase:
- diante de pronome pessoal – “A viúva fugiu-lhe e fugiu a si mesma, enquanto pôde, mas já não pode” (p. 137);
 - diante de verbo: “Deixei-me estar a conversar com ele” (p. 155);
 - diante de termos no plural, se antecipados da preposição “a”; p. 84 – “Fidélia ... não vai a teatros nem a festas públicas.” (p. 84);
 - diante de palavra masculina: “E agora que o escrevi confirmo a impressão que me deixou o rapaz, e foi boa, como a príncipio” (p. 117);
 - a vírgula separa orações: “Ouve-me, fala-me, busca-me, quer meus conselhos e opiniões.” (p. 147 – assindeto); “Quando falavam pouco ou nada, o silêncio dizia mais que palavras” (p. 146);
- f) Notar como na prosa machadiana abunda o período simples, com uma oração só (p. 103 e 147), o que a aproxima da modernidade estilística, tornando ágeis a frase e a leitura: “Estou só, totalmente só” (p. 103).

E períodos simples, alternando-se com períodos compostos, mas curtos:

“Despedimo-nos no cais. Aguiar seguiu para o banco, eu vim para casa, onde escrevo isto” (p. 171).

A doença achou enfermeira, e a morte teve lágrimas. (MA, 4/8/1888)
Este é um exemplo muito feliz, pois nele encontramos quatro estilemas machadianos: ordem direta, concisão frasal, paralelismo sintático, ritmo binário. Trata-se de uma frase poética. As duas orações são isométricas, ambas com sete sílabas poéticas. Note-se também o paralelismo semântico entre os seus termos: doença/ enfermeira; morte/ lágrimas. (CARVALHO, 2010, p. 65)

5. *Considerações finais*

A título de ilustração da atividade, recontemos a história, escrita e editada, a partir do desfecho de “Ressurreição” e de demais tramas machadianas, na qual cada membro do grupo puxava oralmente o fio narrativo do anterior, com a irreverência própria da juventude.

Lívia, aliviada e satisfeita com a sua solteirice, pensava, ‘foi um favor que Félix me fez, ao romper nosso relacionamento. Imagino as provações que esse casamento me daria com aquele homem ciumento e desconfiado.

Mortos os pais de Raquel, Coronel Moraes e Dona Matilde, Félix passou a frequentar outros salões. Corria o ano de 1888, quando, na comemoração das bodas de prata do Sr. Aguiar e Dona Carmo, ele notou o Conselheiro Aires arrastando uma asa para a deslumbrante Fidélia, apesar de disfarçá-lo a si mesmo dizendo, “não posso dar o que não tenho”, amor, anos de vida, sexo.

Frio e caprichoso, despertou em Félix uma atração súbita pela jovem viúva e pensou, “Isto acaba”. Naquela altura, não era muito mais novo do que o Conselheiro, não. Façam-se as contas. Dezesesseis anos volveram sobre a ruptura do casamento de Lívia com ele, nas vésperas do enlace. O Conselheiro tinha 62 anos e Félix já era um homem de 56.

Nem um nem outro. Fidélia preferiu o belo Tristão.

Félix não se fez de rogado. Continuou na pista. No baile da Ilha Fiscal, reencontrou a donzela Flora, que conhecera na casa do casal Santos e Natividade. Recatada e introspectiva, apreciava a quadrilha. E ele, “Isto começa agora”. Paixão fulminante. Casaram-se, então, apesar das investidas de Pedro e Paulo. Entretanto não foram felizes para sempre, porque Flora preferiu cantar em outra freguesia, quando viu Guiomar se engraçando com o marido dela.

Recriar a originalidade dos enredos do criador de *Capitu* não é tarefa simples. Claro está que os recontos propostos a título de exercício sobre as leituras não pretenderam atingir a originalidade dos enredos, a excelência das descrições, a elegância da prosa, o dinamismo das situações, o movimento dos quadros, a vivacidade dos diálogos, nem a síntese e percuciência na análise dos caracteres machadianos. Leia-se um trecho

do conto “O diplomático”, da coletânea “Várias histórias” para que visualizemos a graça da prosa machadiana (até no sentido místico, podemos afirmar).

Rangel era o leitor do livro de sortes. Voltou a página e recitou um título: “se alguém lhe ama em segredo”. Movimento geral; moças e rapazes sorriram uns para os outros. Estamos na noite de São João de 1854, e a casa é na Rua das Mangueiras. Chama-se João o dono da casa, João Viegas, e tem uma filha, Joaquina. Usa-se todos os anos a mesma reunião de parentes e amigos e arde uma fogueira no quintal, assam-se as batatas do costume, e tiram-se as sortes. Também há ceia, às vezes dança, e algum jogo de prendas, tudo familiar. João Viegas é escrivão de uma vara cível da Corte.

– Vamos ver quem começa agora? Disse ele. Há de ser Dona Felismina. Vamos ver se alguém lhe ama em segredo.

Dona Felismina sorriu amarelo. Era uma boa quarentona, sem prendas, nem rendas, que vivia espiando um marido por baixo das pálpebras devotas. Em verdade, o gracejo era duro, mas natural. Dona Felismina era o modelo acabado daquelas criaturas indulgentes e mansas, que parecem ter nascido para divertir os outros. (ASSIS, 2013c, p. 93)

Nós, as solteiras não escapamos de um olhar enviesado.

Machado de Silviano Santiago, mais do que subsídio para a leitura dos romances em tela, representa um monumento de reverência à cultura brasileira do período inicial da nossa República: seus médicos, como Miguel Couto, Juliano Moreira; arquitetos e engenheiros, como Paulo de Frontin, o urbanista Aarão Reis, autor do projeto da cidade de Belo Horizonte-MG, na década de 1890, executado por Francisco Bicalho; políticos, como Joaquim Nabuco, o presidente Prudente de Moraes; artistas plásticos, Antônio Parreiras e Décio Villares; literatos, José de Alencar, o ficcionista em tela, Artur de Azevedo, Mário de Alencar, Olavo Bilac; Carlos de Laet e outros notáveis.

Santiago documenta o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, na transição do século XIX para o XX, ruas, livrarias, cafés, confeitarias, redação de jornais, repartições públicas, a ABL, a decadência do bairro de São Cristóvão, outrora imperial, a demolição do morro do Castelo, a reforma de Pereira Passos, a construção de palácios para a Exposição de 1922, em homenagem ao centenário da Independência...

Se a produtividade e a sobrevivência de uma obra dependem do leitor (PIMENTEL, 2017, p. 308), não deixamos de cumprir esse papel, como leitora e releitora da ficção machadiana e professora de produção de textos, esperando contribuir para o aprimoramento do uso culto da

Língua Portuguesa, mediante a lição do mestre, e para a manutenção da leitura do texto literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- _____. *Memorial de Aires*. São Paulo: Martin Claret, 2013a.
- _____. *Ressurreição*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013b.
- _____. *Várias histórias*. São Paulo: Martin Claret, 2013c.
- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Ática, 1998.
- CARVALHO, Castelar de. *Dicionário de Machado de Assis: linguagem, estilo, temas*. Rio: Lexikon, 2010.
- CRUZ, Rogério de Souza. *Releituras contemporâneas da obra de Machado de Assis*: Silviano Santiago, Marco Lucchesi, Chico Buarque e Gustavo Bernardo. Niterói: UFF, 2019. Tese de doutorado.
- CURY, Maria Zilda, PAULINO, Graça, WALTY, Ivete. *Intertextualidades: teoria e prática*. São Paulo: Formato, 2005.
- DIAS, Ângela Maria. *Literatura como antropofagia em Silviano Santiago*: anotações sobre um percurso ficcional até o romance *Machado. Remate de males*, Campinas-SP, v. 38, n. 1, p. 398-413, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8651097/18129>. Acesso em: 07/05/2021.
- FÉLIX, Livia Ledier da Silva. *O lugar do leitor em Memorial de Aires de Machado de Assis*. São Paulo: PUC-SP, 2008. Dissertação de Mestrado.
- HERANE, Amanda Rios. *Memória das ilusões: um estudo de Ressurreição*, primeiro romance de Machado de Assis. São Paulo: USP, 2011. Dissertação de Mestrado.
- JENNY, Laurent *et al.* *Intertextualidades – Poétiques*, n. 27, Coimbra: Almedina, 1977.
- LODGE, Donald. *A arte da ficção*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- PIMENTEL, Davi Andrade. *Silviano Santiago – Machado. Estudos de literatura brasileira contemporânea*, UNB, n. 51, p. 307-312. Maio/ago.

2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n51/2316-4018-elbc-51-00307.pdf>. Acesso em: 07/05/2021.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANTIAGO, Silvano. *Machado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SENNÁ, Marta de. *O olhar oblíquo do Bruxo: ensaios machadianos*. 2. ed. São Paulo: Língua Geral, 2012.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*.

TRINDADE, Rodrigo Silva. *Bem-aventurados os que leem: formas simples em Esau e Jacó de Machado de Assis*. São Paulo: USP, 2013. Dissertação de Mestrado.